

Sonetos do Meu Contentamento

Francisco José Parreira

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Edição do Autor

TÍTULO: Sonetos do Meu Contentamento

AUTOR: Francisco José Parreira

CAPA: Sítio do Livro, Lda.

PAGINAÇÃO: Nuno Ferreira

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-96660-0-9

DEPÓSITO LEGAL: 306852/10

© Francisco José Parreira

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

*"Com os leitores que o meu livro lerem
partilho também o meu contentamento."*

O Autor

"Do Meu Contentamento"

I

Escrevo palavras mas com sentimento
Letrados sonetos que inspiram poesia
No meu pensamento o contentamento
Passado mostrou porque vivi fantasia.

II

Passei mocidade sem um julgamento
Papel e a pena sem sons de maresia
Sentindo que fiz com o meu pensamento
Prazer de viver luzindo na cortesia.

III

P' ra mim escrever passando madrugada
Eu quero-a lenta para saborear
Com tempo a minha vida soletrada.

IV

Romagem de muita luz faz-me recriar
Revendo parentes na vila amada
Sentindo o estro feliz não recear.

" O Que A Vida Me Deu "

I

Na vida que vivo cultivo o gosto
Nas ruas de Serpa porque oiço sino
Brinquei nas calçadas mostrando o rosto
Humilde local onde fui um menino.

II

Julgo-me um homem livre de desgosto
Por sentir florido jardim pequenino
Escola da vida nas noites d' Agosto
Vestindo de sonhos moças do destino.

III

As mãos foram fortuna partilhada
Vivendo trabalho como as estrelas
Na vida brilhante muito batalhada.

IV

A vida me deu as luzes das vielas
P' ra olhar percurso na encruzilhada
Das horas futuras que julgo tão belas.

" O Livro "

I

O livro que nós escrevemos por gosto
Na prosa ou verso amamos sentido
Um filho mostrando escrita no rosto
Transmitindo sempre valor exprimido.

II

São horas e horas com o pressuposto
Mensagens escritas ondulam carpindo
Por mar embater demonstrando arrosto
Como as marés ao longe insistindo.

III

A luz da inspiração iluminando
Ideia provoca porque usa tema
Escrito nas folhas que se vão usando.

IV

O homem sonhando outrossim um lema
Da obra nascendo e dia clareando
Os livros ouvidos por cultos de gema.

" Auto – Retrato "

I

D' altura meã sempre muito nervosa
Infância ausente d' algodão d' afectos
A vida vivendo por vezes teimosa
Nas fracas finanças e nos poucos tectos.

II

Fui sempre prestável na vida tortuosa
Maneiras e gestos por vezes directos
Tiveram lidação sempre amistosa
Os métodos constantes que julgo rectos.

III

Pela razão fiel a bons princípios
Com nome não frágil no mundo do medo
Por ver na justiça lentos arbítrios.

IV

Opinando sempre apontando dedo
O Chico com Zé chorando alívios
Num dia de verdades tão triste e ledos.

" O Prazer Qu' Isto Me Dá "

I

Provérbios certos não os apagamos
Ao longo dos tempos de tanta conversa
Por cá se fazerem a vida lhes damos
Por cá se pagarem com libra reversa.

II

Os nomes do Povo justo não mudamos
Porque sua cara por simples emersa
Dizendo palavras que muito gostamos
Porque compreensão no futuro versa.

III

O Sol que alegre de manhã nascendo
Na Terra que paga as contas na vida
Cantador da Terra nas contas morrendo.

IV

Prazer que os versos me dão na medida
Soneto Provérbios juntos retendo
Engenho da arte tanto referida.

" A Solidão Dos Versos "

I

Sem ver o porquê deste atrevimento
Escrevo o gosto que muito m' inspira
A alma sedenta porque não me tira
Vontade movendo todo o momento.

II

Na sílaba métrica do ritmo lento
Palavras são símbolos vindos da Lira
Musicando pensamento que respira
Contexto dos outros no alinhamento.

III

Visão globalizante não me espante
Valores dos versos da mente parida
Nascidos das luas de sonho d' amante.

IV

Na fonte qu' inspira o calor da vida
Correndo da gênese que me garante
Mostrar neste livro solidão vivida.

" A Noite "

I

A noite que chama muito equilibra
Nostalgia das vielas das gentes sem sono
Sentindo na viagem o prazer que vibra
Convida solidão em noite d' Outono.

II

Andar passeando sentir que calibra
Desvenda imagens lindas de abono
Nos sons onde passos livres e vã fibra
Naquelas calçadas das ruas sem dono.

III

Momento de ser juiz dos pensamentos
Ouvindo que outros tão felizes sentem
No negro da noite de brandos lamentos.

IV

Lamentos sentidos d' amores não mentem
Na noite inspiradora d' alimentos
Palavras com sílabas poema contentem.

" Paixão Minha "

I

A constelação de azul muito quente
Que lembra os tempos do mouro sentado
Um encanto paixão o serpense sente
Vigor que suporta sonho encantado.

II

O Centro Histórico mira recente
Espaço com gentio tão iluminado
Passeio na noite d' ermida presente
Olhando Altinho de todos amado.

III

Castelo tão velho nos anos abrindo
As portas das ruas a gentes do cante
De passo mui lento soando tão lindo.

IV

E na Alameda sempre elegante
Moças no jardim são as flores sorrindo
Sentindo nos moços aromas d' amante.